
TECENDO AS FONTES DAS PEDRAS

Ariel Krivochein Marques

Ao dotar o signo poético de “uma natureza insubmissa aos sistemas organizados” (ver “Manifesto à Aldeia Marginal”) – um signo selvagem – Cid Seixas revela-se desde já como um poeta cujo *parti pris* é a natureza mesma – o mundo das pedras, das águas, das coisas.

A ênfase no natural é manifesta.

No entanto seus poemas entremostram uma fatura rica em recursos técnicos – artifícios... – que, por

evidente contradizer uma “natureza”, a explicitam. Tem lugar assim um distanciamento do mundo natural com a finalidade flagrante de recapturá-lo.

Fonte das Pedras é uma demonstração cristalina da dialética da criação.

O poeta mergulha na pesquisa das camadas sonoro-semânticas que informam as palavras e contraditoriamente velam/revelam os objetos e seres do mundo.

É, assim, poesia que se desenvolve com a engenhosa naturalidade de água em pedra, a assumir múltiplas e intrincadas formas de acordo com os diversos “veios”, antes de atingir seu simples objetivo: o leitor, a aguardá-la na fonte.

“Lá,
se re faz a sílaba”

Diz o poema, dentro da mais pura tradição das “murmurantes águas” da poesia clássica latina – e, ao mesmo

tempo, de concepção moderníssima.
Ou, ainda, o

“Pretenso
beija-flor
batendo
as
du
as
as
as”.

A natureza – em estado de dicionário – sofre assim a intervenção do artifício, e é reinventada. Soltos fonemas (as, du, as, as, as), entidades puras, orgânicas quase, transformam-se na borboleta (“pretensso beija-flor”) do poema no ser verbal.

Notável também é a conotação têxtil que o autor dá à atividade poética:

“Tecer o fio tênue
do impreciso,
fazendo romper
palavra arisca,

água ou potro,
bravios,
o estreito silêncio:
cristal do sentido”.

Tecer assim a teia verbal do poema é ato ao mesmo tempo cerebral e instintivo – e o fio utilizado é necessariamente verbal, com toda a carga multissignificante que o dicionário confere às palavras (a título de curiosidade, a palavra inglesa *webster*, que dá nome ao famoso dicionarista, é, por caprichosa coincidência, termo arcaico para *weaver*, tecelão).

Assim, o tecido poético é natureza e artifício, “bela” estrutura e, ao mesmo tempo, armadilha – e aí sim entramos de cheio na problemática *política*, inerente a qualquer obra literária ou artística: fazendo romper, palavra arisca, o estreito silêncio: cristal do sentido”.

MARQUES, Ariel Krivochein in: SEIXAS, Cid. *Fonte das Pedras*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979.